

ENTRE A ‘MÉTIS’ DA PESCA E A HONRA DA CAÇA

Ana Livia Bomfim Vieira*

Résumé

Cet article se propose de comparer les activités de la pêche et de la chasse dans l’Athènes de la période classique. Nous analyserons le lieu d’ambivalence occupé par le pêcheur par rapport le chasseur terrien.

Mots-clé: Athènes; chasseur; pêcheur.

Resumo

Este artigo se propõe a comparar as atividades da pesca e da caça na Atenas do período clássico. Analisaremos o lugar de ambivalência ocupado pelo pescador em relação ao caçador terrestre.

Palavras-chave: Atenas; caçador; pescador.

A pesca é comumente inserida no espaço rural como uma atividade a ele ligada. Tentaremos, aqui, relativizar essa concepção, demonstrando que o pescador está muito menos associado a esse mundo rural do que pensamos. Sua *métis* é, antes, aquela do caçador.

A *métis*¹ é um saber, uma sabedoria, uma forma particular de inteligência. Mas não é um conhecimento apreendido na concepção comum do termo. Ligada intrinsecamente a uma prática, ela é também prudência, astúcia, improviso e artifício. Entra em cena e se faz necessária justamente quando a força física não pode ou não deve ser empregada para o sucesso de uma atividade. É exercida sobre o terreno do ambíguo, do que está em movimento, em trânsito

* Professora Adjunta de História Antiga do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Coordenadora do Laboratório de História Antiga e Medieval – Mnemosine. Desenvolve projeto de pesquisa financiado pelo CNPq sobre a temática da corrupção na Grécia Clássica. E-mail: analiviabv@globo.com

(DETIENNE; VERNANT, 1974, p.19-26), onde duas forças antagônicas se encontram e se enfrentam: homem/animal, homem/natureza. E por isso, ela é múltipla e diversa. Um homem possuidor de *métis* tem uma sabedoria que é variada e que lhe permite um grande leque de recursos, de desembarços para as situações críticas ou para o melhor exercício de um ofício.

A *métis*, ou seja, a capacidade de dissimulação, de flexibilidade, de rapidez – uma forma especial de inteligência – estava muito mais presente no pescador. Era ele que seria obrigado a possuir uma astúcia maior que a de sua presa, pois, do contrário, estava fadado ao fracasso.

Dentro do universo da pesca, assim como no da caça, a *métis* possui um papel decisivo em vitórias e derrotas, escolhendo quem é caçador e quem é presa. Muito mais do que o tamanho, a força física ou a inteligência erudita, será a *métis*, astúcia e inteligência prática, que fará a diferença. É ela que inverte a regra e permite que o mais forte nem sempre saia vencedor.

Os animais, e não somente os homens, possuem uma *métis*, que lhes permite desvencilhar de uma armadilha, perceber que estão sendo perseguidos, enganar seu algoz e sair ileso, livre, enfim, vitorioso. E, dentre estes animais, estão os marinhos.

Os animais marinhos são seres plenos de astúcia, capazes de utilizá-la não somente para conseguirem devorar uma vítima como para não serem aprisionados (OPPIEN. **Halieutica** II, 86-98; 232-233). Portanto, para sair vencedor, o pescador precisa ser mais astuto, sua *métis* precisa prevalecer sobre aquela dos animais marinhos. Mas no que consiste, exatamente, a *métis* do pescador?

A partir do trabalho fundamental de Vernant e Detienne (DETIENNE; VERNANT, 1974), podemos aferir as características desta inteligência para, mais tarde, compreendermos porque ela contribui, no caso dos pescadores, para o seu estatuto ambivalente e ameaçador.

A primeira característica seria a agilidade e, por extensão, a flexibilidade, rapidez e fácil mobilidade. O pescador deve conseguir correr com rapidez, saltar de uma rocha a outra com facilidade, possuir agilidade de movimentos, ser, enfim, mais ágil e sagaz que sua presa (OPPIEN. **Halieutica** III, 29-49).

O talento para a dissimulação, ou seja, para “ver sem ser visto” é outra característica necessária ao pescador. Ele deve se deslocar com agilidade e rapidez sim, contudo, de forma discreta e silenciosa. Deve ser capaz de, se necessário, permanecer imóvel por longo tempo (OPPIEN. **Halieutica**

III, 426-431; ARISTÓTELES. **História dos Animais** IV, 8, 533b), o que, aliás, o obriga a uma ótima forma física também.

O pescador deve ser ele próprio uma armadilha, já que o mundo marinho é pleno de seres sensíveis que espreitam a presa e suspeitam do perigo com grande facilidade (PLUTARCO. **De Sollertia Animalium** 976 c-d).

Em seguida, o pescador deve ter, entre suas qualidades, a vigilância. Precisa estar sempre alerta, sem perder a atenção de sua presa e da armadilha. Não pode cair na tentação de relaxar ou dormir; afinal, segundo Oppien, os peixes não dormem nunca (OPPIEN. **Halieutica** III, 45-46; SÓFOCLES, **Ájax** 879-880). A vigilância é um dos segredos que faz o bom pescador.

Todas as qualidades do pescador – mobilidade, rapidez, vigilância e dissimulação – são sua *métis*. Elas garantem os bons resultados. E todos esses atributos foram definidos por Oppien. O bom pescador é caracterizado como um mestre em sutileza, fineza, agudeza – *polupaípalos*.²

Marcel Detienne chama a atenção para o fato de que essa palavra é análoga a uma série de outras que fazem uma associação entre astúcia e multiplicidade: *polútropos*, que designa, ao mesmo tempo, a inteligência do polvo e do homem possuidor da *métis*; *polúmétis*, que é o epíteto de Ulisses, de Hefestos e de Hermes, sendo este último o deus das chances inesperadas, do imprevisto e, também, aquele que, como o pescador, não dorme nunca. A eterna vigília e vigilância. Hermes é rápido e astuto, assim como um pescador deve ser. E não nos espanta, portanto, ser Hermes uma das divindades mais honradas pelos pescadores.

O pescador seria, portanto, detentor de uma inteligência que estava presente também nas suas presas (ARISTÓTELES. **Geração dos Animais** I, 720b; 34, 756a 32-756b 5). É uma inteligência moldável, maleável, flexível, com grande capacidade de se camuflar e se adaptar. Por outro lado, é o tipo de inteligência manifesta nos políticos, sobretudo nos sofistas (DETIENNE; VERNANT, 1974, p.47). É o discurso que enlaça os adversários como os tentáculos de um polvo. É saber se adaptar às situações mais difíceis, trocar de opinião conforme a situação, usar a palavra como uma armadilha, enredando os oponentes e tornando possível a vitória do argumento mais fraco.

Podemos entender, portanto, por que Platão deprecia a pesca, qualquer que seja ela. O pescador encarnaria um tipo de saber, de inteligência, completamente oposta àquela dos filósofos, àquela esperada na sua cidade das *leis*. Associada aos sofistas, essa *métis* do pescador está relegada ao

mundo das aparências. Contudo, ela pertence também ao caçador. E Platão não deprecia a caça e muito menos o homem que lança mão dela.

Verificamos, então, que o pescador possui uma *métis* que lhe confere um caráter de maleabilidade, de flexibilidade, que reforça sua ambivalência. Contudo, o caçador, ou seja, o homem que costumamos identificar como um caçador, aquele da caça terrestre, possui, ou deve possuir, para ser um bom caçador, exatamente as mesmas características de astúcia e dissimilação. Mas, ao contrário do homem do mar, o caçador terrestre não sofre os mesmos olhares de desconfiança. Logo, uma primeira questão que se coloca é: a pesca era considerada uma caça? E a resposta é sim. Contudo, não uma caça como as outras.

A caça clássica, aristocrática, ao contrário, era vista como uma atividade distintiva. Era baseada em valores de coragem e honra, que a sustentavam e justificavam. Era apreciada desde, pelo menos, o século VIII, por difundir códigos de comportamento que facilitavam a supremacia do homem/civilização sobre o animal/selvageria.

Homero teve, em seus poemas, uma grande preocupação de mostrar e valorizar esse tipo de caça, associada por ele aos *arístoi*. Esse grupo era relacionado e vinculado aos heróis caçadores, portanto, pertenciam ao universo de uma caça legendária, mítica, de enfrentamento aos animais tidos como os mais bravos e ferozes, como o leão ou o javali, animais esses que nem mesmo existiam no território ático. O caçador, na verdade, deveria assemelhar-se a sua presa. Dito de outro modo: a presa deveria estar à altura do caçador. O modelo de animal representado pelo leão, por exemplo – forte, corajoso, artiloso, hábil –, servia de referencial para a categorização do bom caçador e, logo, do bom guerreiro. Era o homem que seus companheiros de fileira na batalha gostariam de ter ao lado (HOMERO. *Ilíada* XI, 407-408).

Nos textos gregos, a coragem valorizada pressupunha o enfrentamento ao perigo face a face, olho no olho. Era o ideal *hoplita* de cidadãos-guerreiros que privilegiavam o combate em fileiras cerradas, ombro a ombro, que defendiam o território cívico dos ancestrais. Ao *hoplita* era associada a caça ao animal terrestre de grande porte, a disciplina que garantia a vitória e a vida do companheiro de sua fileira. A caça era uma preparação do soldado para a guerra. Homero já valorizava o bom caçador como um bom guerreiro, sendo capaz de manter a segurança da comunidade.

Essa atividade é, todavia, violenta. E a violência, a bestialidade, precisava ser contida. Assim sendo, a caça é uma atividade que se situa entre o

permitido e o proibido, a civilização e a selvageria. Logo, o caçador era um homem perigoso, pois lidava com uma violência que, se não fosse controlada, poderia trazer a desagregação a todo o corpo cívico. Afinal, a fronteira entre homem/animal, selvagem/civilizado é frágil, sensível, reversível. Não é um *status* dado. Ele precisa ser conquistado e reforçado sem descanso. É preciso uma eterna vigilância tanto por parte do caçador, como por parte do conjunto da sociedade *políade*.

A caça era uma atividade pertencente a um poderoso imaginário, do qual fazia parte herói como Hércules, símbolo da violência capaz de vencer a bestialidade que faz parte de todo *polítes*. É claro que Hércules escapa ao ideal do cidadão-hoplita, já que emprega o arco e a lança, já que combate “de longe”. Mas, para o cidadão ateniense, sobretudo aquele da cidade, Hércules foi o homem que espantou o “monstro” da barbárie e da selvageria animal, contribuindo para a construção de uma sociedade hierarquicamente ordenada. Dentro dessa perspectiva, Aristóteles indicava aos homens, cidadãos, que encontrassem seus lugares na relação entre os animais domésticos, os selvagens e as plantas, para que pudessem pertencer à vida *políade* (ARISTÓTELES. **Política** I, 1256 a b), pois era preciso domar a besta que existe dentro de cada um. E a caça tornava-se, então, uma violência consentida, que visava transformar o homem em cidadão. A caça era, para os atenienses, portanto, um dos fundamentos da vida em sociedade. Era o dado que distinguia o homem dos animais e, por conseguinte, os cidadãos dos demais setores – escravos, estrangeiros – e os gregos dos bárbaros (SCHNAPP, 1997, p. 17-22).

A poesia homérica, na verdade, desvela os dois tipos de caça presentes (ou conhecidas) no cotidiano dos atenienses. Uma seria essa caça heróica, aristocrática, que, ainda no período clássico, gozava de todas as honras e simbolizava a virtude do cidadão-hoplita. Era uma caça solitária, sem armas ou armadilhas, em que a força e a destreza do caçador seriam as suas únicas aliadas, e o animal, igualmente valoroso, depois de vencido, coroa-ria seu êxito. Podemos notar que ela está eminentemente presente na *Ilíada*, por exemplo, onde a imagem do guerreiro notável é onipresente. A segunda seria a caça dos homens comuns, aquela que proporcionava a aquisição de alimentos. Ela é apresentada basicamente na **Odisséia**, em que o herói Ulisses e seus companheiros são, por vezes, obrigados pelas circunstâncias, a lançar mão da caça não-digna. O processo de desestruturação do herói o leva a práticas distantes do grupo ao qual ele pertence e o aproxima do mundo selvagem. A caça como aquisição de alimento, como prática visando

à sobrevivência estava completamente fora dos ideais aristocráticos e, para um herói como Ulisses, ela só se fez presente pela necessidade. Quando o herói, com sua desmedida bravura, desrespeitou Poseidon, ele ultrapassou os limites impostos pela cultura para a conduta do bom guerreiro cidadão.

Quando a fronteira onde a caça está localizada, a do prazer – prestígio - civilidade e a do perigo – contaminação - selvageria, é violada, isso acarreta duras conseqüências tanto para o caçador-cidadão, como para a sociedade na qual ele está inserido (VERNANT, 1988, p. 19-20).

Tudo isso é dito com o objetivo de mostrar os principais aspectos da caça tradicional, aristocrática, pois é basicamente com ela que a pesca vai ser comparada. E não é para menos, já que possuem a mesma *métis*, os mesmos instrumentos (sim, porque a caça solitária e sem armas fazia parte somente de um ideal legendário), algumas técnicas em comum e dividem, basicamente, o mesmo termo. Observaremos como duas atividades, que começam tecnicamente paralelas, pegam caminhos diferentes, a partir do olhar da sociedade que a observa e a classifica.

E além disso, na comparação caça terrestre/caça marítima, o pescador sai sempre perdendo. Ser ‘caça’ e ter os mesmos instrumentos que a caça terrestre, não faz daquele que caça no mar alguém valoroso. Esse dado nos apontou para uma relação um pouco mais complexa no que diz respeito ao lugar social do pescador, pois, sendo ele um caçador e não tendo o mesmo status que o caçador tradicionalmente reconhecido como tal, era necessário determinar o que o aproximava deste universo, o da caça, e o que, ao final e ao mesmo tempo, o rejeitava, relegando-o a um lugar social de trânsito.

Um dos aspectos que mais aproxima as duas atividades é, sem dúvida alguma, o instrumental. Pescadores e caçadores dividem, basicamente, o mesmo conjunto de artefatos e instrumentos utilizados para a captura de animais. Mas isso não é nenhuma novidade. O aspecto que gostaria de tratar está ligado ao juízo de valor empregado nos textos, quando o instrumento de trabalho mencionado pertence ou é associado ao universo da pesca. Esse juízo de valor é, na maior parte das vezes, depreciativo, ou mesmo negativo, criando uma imagem inferiorizada para quem o utiliza. Esses dados podem ser aferidos, principalmente, quando observamos as metáforas utilizadas em alguns textos, marcadamente quando dizem respeito à utilização da rede.

Podemos perceber desde Homero a imagem do pescador associada a uma astúcia negativa. A atividade do pescador, principalmente relacionada

à pesca com rede, é nomeada, metaforicamente, como uma prática não-nobre, uma prática ardilosa, que engana e não permite à vítima uma chance de defesa e de fuga. Em Homero e nas tragédias do IV/V séculos, nomeadamente Ésquilo e Sófocles, a rede é essencialmente a arma do traidor, do covarde, daquele que não enfrenta face a face, que captura de forma ardilosa e mata suas vítimas de maneira cruel.

Homero nos brinda com algumas dessas referências (HOMERO. **Odisseia** XII, 250-255). Na Odisseia, o poeta lança mão de algumas imagens ligadas ao pescador e às suas práticas para narrar episódios de violência e morte. Quando Skylla ataca o barco onde estavam Ulisses e seus companheiros, por exemplo, Homero descreve agindo como um pescador. Os companheiros de Ulisses são comparados a peixes na forma como são atraídos e pegos. A imagem é de uma grande cilada, e o resultado é a morte das presas enganadas. E ele não pára por aí. Identificamos a representação do que seria o resultado de uma pesca com rede como metáfora para o massacre dos pretendentes de Penélope. A imagem é de sangue e de uma cruel violência (HOMERO. **Odisseia** XXII, 384-385).

A pesca é apresentada e, com ela, o pescador, como uma atividade de enganadores. O pescador é aquele que, para ter sucesso em sua empreitada, precisa ser astucioso e ardiloso (ÉSQUILO. **Coéforas** vv. 999-1004). Ele não tem saída. Sua atividade é essencialmente a do mentiroso, daquele que espreguiça sua vítima, procurando o momento certo no qual ela não poderá escapar. Às vezes, ele é mesmo comparado a um assassino. Ésquilo, para descrever o assassinato de Agamêmnon, utiliza a imagem da rede para descrever o ato vil e traidor do qual o rei foi vítima (ÉSQUILO. **Agamêmnon** V, 1115). Traidora é a rede, e é Clitemnestra comparada ao objeto ardiloso, que imobiliza de surpresa e do qual a vítima dificilmente pode escapar. E, neste caso, a vítima era o herói Agamêmnon.

Sabemos que a rede era um instrumento utilizado também pelo caçador terrestre; sendo assim, por que a rede mencionada não seria uma rede de caça? Nesse ponto, divergimos de Alan Schnap. Para o autor, a rede que “captura” Agamêmnon é a do caçador, e não uma rede de pesca (SCHNAPP, 1997, p.80-82). Contudo, o detalhe que não podemos esquecer é que a rede captura Agamêmnon em um momento em que ele mesmo era um ser d’água. Agamêmnon foi morto na sua banheira. Foi atraído dentro d’água, como um peixe o é pelo pescador que joga a rede e o paralisa³. Clitemnestra personifica, nesse momento, toda a *métis* do pescador.

As mesmas referências estão presentes nas obras de Sófocles (SÓFOCLES. **Ájax** vv. 876-880) e nas peças do comediógrafo Aristófanes (ARISTÓFANES. **As Vespas** vv. 163; 207-209; 368-369), que usam a rede também como instrumento de aprisionamento. Todavia, Platão será, sem dúvida, o principal crítico da *métis* do pescador. Convenientemente esquecendo que ela é a mesma do caçador e que, os tipos que ele hierarquiza e condena têm o seu correspondente na caça terrestre.

Inicialmente, convém lembrar que Platão hierarquiza também as espécies animais. Para Platão, elas seriam o resultado de metamorfoses humanas. E, se o status do caçador tem como uma de suas variáveis o grau de valoração da presa, logo, o pescador seria o mais inferior, pois os animais aquáticos são por ele classificados como os mais parvos (PLATÃO. **Timeu** 92b-92c).

Nas *Leis*, Platão vai mais longe. Ele nos fala claramente sobre o lugar reservado àqueles que caçam na água, o de preguiçosos (PLATÃO. **As Leis** 823d, 824a). É possível aferirmos que a pesca é denegrida tanto pelos instrumentos que utiliza como pelo local onde é realizada, reforçando as questões apresentadas.

O que nos chama atenção é como as mesmas técnicas e os mesmos instrumentos podem produzir dois tipos hierarquicamente diferentes de caçador, tendo diferencial, além da atuação no mar, o uso da *métis*. Sim, porque existe um diferencial no uso desta inteligência prática que condena o pescador a ser ora preguiçoso, ora perigoso. A mesma *métis* faz da caça terrestre uma atividade honrada, e da caça no mar uma atividade ambivalente, portanto, olhada com desconfiança. Olhemos de mais perto.

Primeiramente, podemos dizer que a *métis* pertence eminentemente a um imaginário marinho. *Métis*, segundo a mitologia, é uma divindade da primeira geração, filha de Oceano – personificação das águas que cercam a terra, pai de todos os rios (HESÍODO. **Teogonia** 133, 337) – e Tétis – divindade que personifica a fecundidade feminina do mar (HESÍODO. **Teogonia** 136, 237). Deusa da prudência e, ao mesmo tempo, da astúcia, deu a Crono a droga que fez com que vomitasse os filhos que havia engolido (HESÍODO. **Teogonia** 167, 485; PAUSANIAS. **Descrição da Grécia** V, 7, 6-10; VIII, 36, 2) e, mais tarde, para que a filha que esperava não destronasse Zeus, foi por ele engolida, propiciando, assim, o nascimento de Atena (HESÍODO. **Teogonia** 886; EURÍPIDES. **Íon** 545; PAUSANIAS.

Descrição da Grécia I, 18, 2). Não sabemos de um culto a Métis realizado pelos gregos, e o relato principal sobre ela e o seu papel de primeira esposa de Zeus nos é dado, basicamente, por Hesíodo. Mas não podemos negar o lugar relevante que ocupa, não só na construção da soberania do mais poderoso dos deuses, como também no imaginário da pólis.

Podemos observar, portanto, que a deusa Métis possuía uma relação bastante intrínseca com o elemento líquido. Era fruto, ao mesmo tempo, do mar fecundo, fértil, feminino, e do mar sem limites, poderoso, dominador, masculino. Dessa união, nasce a prudência e a inteligência prática, características capazes de enfrentar um meio ambivalente hostil como o mar.

Métis, a deusa, é ela mesma movimento, mudança constante. Possuía a capacidade de se metamorfosear (APOLODORO. **Biblioteca I**, 3,6). Quer dizer, ao devorar Métis, Zeus detém a astúcia em seu interior, limitada, controlada, civilizada. A ordem que seria abalada com a vinda daquele que o destronaria, permanece intacta. A deusa Métis é, portanto, a personificação também do movimento, das mudanças, do imprevisto. Como o mar. Sua “origem” marinha lhe confere essa ambivalência. O mundo marinho, como vimos, é pleno de movimento. E como vimos também, a ele estão também associadas as idéias de infinito, de falta de limite, logo, de desconhecido. E é assim a *métis* enquanto saber. Mas o é muito mais quando associada ao pescador.

Utilizando a imagem do mito de Métis e Zeus, entendemos que a *métis* (saber) do pescador é irrefreada, não obedece às regras sociais, ainda não foi “devorada” por Zeus, ainda não foi civilizada. Ao contrário da *métis* do caçador terrestre que, tendo sido “engolida” pela civilização, tem o papel de reforço desta. Ela está perfeitamente controlada e não oferece os perigos de uma *métis* selvagem como a do grupo dos pescadores. Podemos pensar que a pesca é muito mais associada, dentro do imaginário *poliade*, aos primeiros homens. Para eles, a caça, seja ela terrestre ou marinha, era eminentemente um modo de vida necessário, um meio de sobrevivência. Para a Atenas clássica, a caça terrestre possui a aura aristocrática de uma atividade nobre. A pesca, ao contrário, permanece ocupando o lugar de uma atividade “primitiva”, ligada a uma vida mais selvagem, isolada da comunidade de uma forma geral, muito mais próxima da natureza e seus pares, evidentemente. Somente esse isolamento já seria o suficiente para lhe conferir um caráter ambivalente. Em uma sociedade do “ver e ouvir”, em que o seu igual é reconhecido nas relações “face a face”, o distanciamento produz uma “invisibilidade” social

que contribui para a construção de uma imagem do desconhecido. O desconhecido, para essa comunidade de lugares sociais hierarquizados, representava um perigo. O desconhecido poderia trazer contaminação ao corpo social. Mas, ao mesmo tempo, este “desconhecido” era alguém, ou um grupo, que fornecia alimento, que tinha seu lugar no sustento da pólis. Daí seu lugar social ambivalente. O pescador ocupava, na verdade e ao mesmo tempo, lugares contrários. Assim como o mar, ele ameaçava e nutria. E não era só isso. O pescador, que parece ter um lugar tão óbvio, está, na verdade, transitando o tempo todo por lugares contrários, sem se fixar a nenhum deles, sejam lugares sociais ou geográficos.

Os gregos não nasceram homens do mar, eles se tornaram. E vale o mesmo para a pesca. O vocabulário da pesca, de uma maneira geral, era derivado das atividades basicamente conhecidas como campesinas, mas também de termos ligados às atividades guerreiras⁴. Sem contar que alguns utensílios de pesca, como a rede, a armadilha, o arpão, são também utensílios de caça e esta é, como sabemos, uma atividade ligada, originalmente, à aristocracia fundiária de Atenas. Portanto, é bastante lógica a inserção da atividade pesqueira no rol das atividades rurais. Contudo, existem alguns pontos que, se não negam essa afirmação, ao menos servem para inserir uma nuance e, com isso, dar à pesca e ao pescador um caráter muito mais complexo, uma das faces de seu caráter ambivalente.

As representações iconográficas que têm como temática a pesca, referem-se, majoritariamente, à pesca de rio ou costeira, àquela em que o resultado era menor; portanto, faz-nos imaginar ser um complemento à agricultura. Imagens da pesca no mar, para o período, são inexistentes. Logo, quando falamos de pescador dentro da produção imagética do período, este é, basicamente, o pequeno pescador, muito mais próximo do olhar do outro e muito mais próximo também do chamado espaço rural. Mas não é esse pescador de quem tratamos aqui. Falamos daquele que tem a pesca como sua atividade principal.

A primeira questão estaria ligada ao local de moradia do pescador. Se concordamos que a pesca era uma atividade rural, então, o pescador habitava, ele também, a *chôra*? Se levarmos em conta a idéia apresentada de que à *chôra* ateniense havia sido incluído o litoral, a resposta é sim. Mas essa “anexação” é tão simples ou óbvia assim? Quando um pescador é mencionado na documentação, ele é sempre associado ao mar: ou está realizando sua atividade, ou é alguém que habita o litoral. Ele é um homem do mar.

Aristóteles mesmo se preocupa em classificar os diversos gêneros de vida do homem guiado pelas necessidades. E, dentro dessas necessidades, está o local de habitação (ARISTÓTELES. **Política I**, 1256a-b). E o local de habitação dos pescadores é a costa, o litoral. Consideramos equivocado negar uma verdadeira “especialização” náutica e pesqueira presente em toda a Parália. O litoral ateniense era o espaço dos homens do mar – pescadores, marinheiros, comerciantes marítimos –, e não de camponeses. Inclusive, o pescador não é nunca chamado de camponês. Ele é sempre o “pescador” – ἄλιεις; γριπεύς (TEÓCRITO. **Thirsis** 39-40) –, o “trabalhador do mar” – θαλαττουργοί (XENOFONTE. **Econômico** XVI, 5, 7) –, o “habitante da costa” – περι την θαλατταν (ARISTÓTELES. **História dos Animais** VIII, 13, 598b, 24) –, “o caçador de peixe” – ιχθυος αγρευτηρες (PSEUDO-TEÓCRITO. **Os Pescadores** 6) –, “o lançador de rede” – δικτυβολος (DE MAERCIUS. **Antologia Palatina** 89). Não conseguimos identificar nenhuma referência que o associe ao mundo do camponês. São realidades muito diferentes e, ousado dizer, os atenienses tinham plena consciência disso.

A organização do espaço e a constituição de um lugar são construções que se dão no interior de uma sociedade, de forma simbólica (AUGÉ, 1994, p.50). O mar é o espaço, de um lado, do desconhecido, do imprevisível, enfim, do medo; de outro, é o espaço da honra, quando associado à marinha – o espaço onde Atenas reinaria absoluta, mantendo a hegemonia de poder e a coesão entre os cidadãos. Nesse “lugar” simbólico, não há vaga para o pescador.

Mas ele também não era visto como um camponês, pois seu espaço não era o campo. Mas o campo, a *chôra*, pode ser um lugar simbólico de honra. Durante a primeira metade do século V, sobretudo, o trabalho digno e honesto era o trabalho na terra. O camponês, principalmente o agricultor, e o espaço rural representavam o que havia de mais valioso. A labuta na terra é que lapidaria um verdadeiro *polites*.

O campo era também o lugar de honra de uma aristocracia fundiária, que tinha a terra como um signo de status, e a caça terrestre, a grande caça, como a atividade nobre, formadora do verdadeiro cidadão. Logo, nesse “lugar” simbólico, também não havia espaço para o pescador.

A construção simbólica do lugar do pescador é a de um “não-lugar”. Ele não pertence a esse lugar simbolicamente construído chamado *chôra*, e esse não pertencimento é significativo na construção desse não-lugar, pois

o território cívico ateniense era dividido em *ásty* e *chôra*. Ele estaria, na verdade, transitando entre espaços e lugares simbolicamente construídos de uma forma que o excluía.

Ele não só transita entre mar e terra – o mar é o “lugar” de honra da marinha, e a terra não é o seu “lugar”, já que ele trabalha no mar – mas, logo de início, ele faz parte de uma *chôra* – que possui um significado simbólico que o exclui – sem ser um camponês e sem realizar uma atividade considerada pela sociedade que o observa como uma atividade camponesa. O mar como lugar de honra não pertence ao pescador; a *chôra* como lugar de honra não o inclui tampouco. A *chôra* como um lugar de honra estava associada, idealmente, à aristocracia fundiária, que tinha na caça sua expressão mais cara.

Entendemos, portanto, que o pescador carrega sobre seus ombros o peso de um lugar indefinido. O único lugar, talvez, onde poderia fixar raízes seria o de caçador, mas mesmo esse, quando comparado ao caçador terrestre, lhe é negado em parte.

A caça terrestre, como vimos, utilizava os mesmos instrumentos que a pesca. O caçador terrestre tinha a obrigação de ser, assim como o pescador, astucioso, flexível e versátil, conhecer os hábitos de sua presa, ser mais inteligente que ela. Se quisesse ser um bom caçador, assim como o pescador, teria que saber usar sua *métis*. Mas, diferentemente dele, não a utilizava em busca de sua sobrevivência.

A caça aristocrática, sendo uma atividade formadora do guerreiro-hoplita, utilizava-se da *métis* com um fim que redimia a astúcia e “enganação” empregadas, contrariamente ao pescador, que tinha na mesma *métis* o apoio à realização de sua atividade com sucesso, mas que não tinha como objetivo final algo tão nobre. Ele lançava mão de toda sua astúcia e inteligência prática visando tão somente a conquista do dia-a-dia, a sobrevivência no cotidiano.

A *métis* do caçador terrestre tinha sido “engolida” por Zeus e, assim como o nascimento de Atena, ela permitiria o “nascimento” do hoplita que defenderia a pólis.

A *métis* do pescador andava ao seu lado, solta, livre, sem controle. Ela não passava por nenhum processo “civilizador”, “regulador”, para que, assim, pudesse ser utilizada sem perigos para o corpo social. Não havia um fim nobre para a sua utilização. Não havia nenhuma redenção para esse homem do mar.

Documentação textual

- ARISTOPHANE. **Les Guêpes**. Paris: Les Belles Lettres, 1958.
- ARISTOTE. **Génération des animaux**. Paris: Les Belles Lettres, 1961.
- _____. **Histoire des Animaux**. Paris: Les Belles Lettres, 1966.
- _____. **Politique**. Paris: Les Belles Lettres, 1971, 1991.
- AESCHYLUS. **Agamemnon, Libation-Bearers, Eumenides, Fragments**. London: Loeb, v. II, 1995.
- HOMÈRE. **Iliade**. Paris: Les Belles Lettres, 1961, 1957.
- _____. **L'Odyssee**. Paris: Les Belles Lettres, 1924.
- OPPIEN. **Cynegetica & Halieutica**. London: Loeb, 1928.
- PAUSANIAS. **Description de la Grèce**. Paris: Les Belles Lettres, 2000.
- PLATON. **La République**. Paris: Les Belles Lettres, 1959.
- _____. **The Laws**. London: William Heinemann, 2 vols., 1984.
- PLUTARCH. **De Sollertia Animalium**. Paris: Les Belles Lettres, 1987.
- PSEUDO-THÉOCRITE. **Bucoliques Grecs**. Paris: les Belles Lettres, tomo II, 1927.
- SOPHOCLE. **Ájax**. Paris: Les Belles Lettres, 1997.
- XÉNOPHON. **Economique**. Paris: Les Belles Lettres, 1948
- _____. **L'Art de la Chasse**. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

Bibliografia

- AUGÉ, M. **Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.
- DETIENNE, M.; VERNANT, J.P. **Les Ruses de l'Intelligence: La Métis des Grecs**. Paris: Flammarion, 1974.
- DUMONT, J. La Pêche du thon à Byzance à l'époque hellénistique. *In: Revue des Études Anciennes*. Bordeaux: Annales de L'Université de Bordeaux III, 1976-1977, tome LXXVIII-LXXIX.
- _____. **Halieutika: Recherches sur la pêche dans l'antiquité grecque**. Resumo da tese de doutorado. Paris: Université de Paris IV, 1981.
- _____. **Les animaux dans l'antiquité grecque**. Paris: L'Harmattan, 2001.

GALLANT, T.W. **A Fisherman's Tale: Analysis of the Potential Productivity of Fishing in the Ancient World**. Cambridge: The Museum of Classical Archaeology, 1985.

GALLEY, M. & LADJIMI SEBAI, L. **L'homme méditerranéen et la mer**. Association internationale d'études des civilisations méditerranéennes. Tunísia: Institut National d'Archéologie et d'Art de Tunis, 1985.

LONGO, O. **Le Forme della Predazione. Cacciatori e Pescatori della Grécia Antica**. Nápoles: 1989.

MUNNO, G. 'La "pesca" di Oppiano (analisi ed appunti). In: **Rivista di filologia e di istruzioni classiche**, n. 50, 1922, p. 307-334.

POPLIN, F. La vraie chasse et l'animal vrai. In: **Anthropozoologica**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, n. 13, 1990.

SCHNAPP, Alain. **Le chasseur et la cité. Chasse et érotique dans la Grèce ancienne**. Paris: Albin Michel, 1997.

Notas

¹ Métis, na mitologia, foi uma deusa da primeira geração, filha de Oceano e Tétis e primeira esposa ou amante de Zeus. Foi, mais tarde, engolida por Zeus, possibilitando o nascimento de Atena.

² OPPIEN. **Halieutica** III, 41-43: "*É preciso ao pescador um espírito pleno de sutilezas (polupaípalos) e de prudência (noémon) porque os peixes, pegos de repente em uma armadilha, imaginam mil astúcias para escapar.*"

³ ÉSQUILO. **Agamêmnon** vv. 1380-1385. "*Contemplo, enfim, o resultado favorável de planos pacientemente preparados. Estou aqui exatamente no lugar em que seguida e firmemente o golpeei no cumprimento de missão apenas minha. Os fatos foram estes, não irei negá-los: a fim de obstar qualquer defesa ou reação em tentativa de fugir ao seu destino, emaranhei-o numa rede sem saída, como as de pegar peixes[vsper ixuyv peristixizv], mas para ele um véu fértil em desgraças (...)*".

⁴ Uma parte considerável do vocabulário halieutico seria derivado do termo alj, "sal", logo, "mar". Contudo, alguns instrumentos primordiais para a pesca, a rede, por exemplo, diktyon e boloq, derivam dos verbos "lançar" e "jogar".